



Entrevista

Tho Simões

A arte não é acessível para todos: a arte urbana vem para quebrar esta barreira



Tho Simões

A arte não é acessível para todos: a arte urbana vem para quebrar esta barreira.

Entrevista conduzida por **Cláudio Fortuna**

Luanda, 7 de Fevereiro de 2021

Tho Simões, 47 anos, é angolano, natural de Malanje, e reside em Luanda. Tem formação em Belas Artes pelo Instituto Nacional Formação Artística e Cultural mas considera-se um autodidata. Reconhece contudo que teve mestres de referência e cita o prof. Canga, Massongui Afonso, João Inglês, Rui de Matos, Eleutério Sanches, Fernando Alvim, Van, Vitex, Paulo Jazz, Mestre Kapela, “artistas angolanos de primeira água”.

Cláudio Fortuna (CF): A sua formação tem muito de autodidatismo, de experiência reflexiva do quotidiano?

Tho Simões (TS): Tem sim, desde criança, sempre gostei muito de artes, de dançar, de me expressar. Por conseguinte, o desenho a pintura acompanham-me pela vida. Também foi a minha escapatória, as pessoas da minha geração viveram tempos maus; também tivemos bons e voltámos a experimentar tempos de crise. Entretanto esta tendência para as artes sempre foi a minha tabua de salvação: graças a isso tornei-me na pessoa que sou hoje.

CF: Quais são as suas referências inspiradoras?

TS: As figuras nacionais em termos de pintura mais classica foram os mestres que já mencionei (ver caixa). Sempre fui um artista com tendência para a arte urbana. Em termos de referências internacionais, são muitas, não sei se interessa citar: Redna, El Mac foram e são grandes influencias, Herakut, 1 UP, Ironlak, tantos outros... Banksy, os Gêmeos, Soofly, Kiptoe: a lista é grande, aqui na banda também tem crews que têm o meu respeito.

Na verdade eu, o Osmar Edgar (Fotografia) e o ELOHIM (Graffiti) formamos

uma família de artistas urbanos. Temos desenvolvido vários projetos junto já algum tempo, coletivos e individuais, estamos a desenvolver a nossa interpretação e expressão, em termos de arte urbana.

CF: Afinal, o que é arte urbana ao certo: o que se pinta nas paredes das cidades?

TS: Quando uso o termo Arte Urbana, estou a generalizar a todo o conjunto de expressões artísticas que acontecem na rua. A arte urbana é hip hop, envolve música, dança, poesia, graffiti e mais... o teatro de rua, performances e performers que brotam a todo instante nas ruas. Sou fascinado pelas atividades pensadas e direcionadas para o dia-a-dia porque permitem que o público seja o mais variado possível, que todos os extratos sociais tenham acesso à Arte e à obra do artista nas ruas, sem necessidade de ir a uma galeria, a um museu ou a espaços selectos.

Comecei por graffitar as minhas primeiras cenas nas ruas de Luanda, com amigos que naquela altura já tinham experiência suficiente para serem as minhas principais referências. As ruas nesta época eram dominadas pela Baw Crew, meu mano e cômplce era o Barbu 2. Foi com ele que comecei a deixar as minhas primeiras marcas

no betão. Com o passar do tempo, fui-me interessando cada vez mais por categorias que te permitem criar e elaborar mais, com mais detalhes e efeitos. Foi assim que me fui envolvendo cada vez mais com o que faço.

CF: Que obras suas considera mais representativas?

TS: Até agora sem dúvidas os Murais da Leba, que era um sonho do meu grande amigo Vladimir Prata. Amei tanto a ideia que não vacilei, mergulhei de cabeça e criámos o projeto. Conseguimos levar à Serra da Leba não só os artistas mais influentes da arte urbana de Angola, também os que estavam a começar a dar nas vistas. Estou a falar da “Baw crew”, “Verkron”, “Crazy crew”, “Mal crew”, O ZBI e o Death, o Raffa o Camoxi e mais malta. Conseguimos também levar o Complexo de Escolas de Arte (CEARTE) representado pelos artistas Manuel Ventura, Adão Mussungo, Agostinho José João, Lukula Zola, Massongui Afonso, Miguel Mukanda e Luis Varela (Cuba). Do Namibe vieram o professor Gustavo Nunes e seus alunos, da Huila também tivemos artistas e amantes de arte. Trouxemos do Brasil feras de Salvador (Bahia) a Ananda Santana, Annie Ganzala, Eder Muniz (Calangoss) de São Paulo, Zéh Palito e o Diego Muoro. Fizemos um grande museu ao ar livre na Serra da Leba, muito bem representado por artistas angolanos e Internacionais, e, como cereja no topo do bolo, ainda produzimos um documentário que é um registo da Arte Urbana Angolana: “As Cores da Serpente”.

Outra experiência marcante para mim foi quando houve uma moda de demolir arquitetura histórica para erigirem torres de vidro. Houve campanhas por algumas organizações da sociedade civil como a Associação Kalú para reivindicar e proteger o património de Luanda; outra foi protagonizada por nós artistas, artistas de vertentes diferentes. Unimo-nos para pro-

testar contra a intenção de derrubar o edifício que alberga o Elinga Teatro. Eu, o Zbi e mais amigos pintámos um grande mural que ainda está lá.

A convite da Associação Kalú (campanha “Reviver”), em colaboração com a CCBA, eu e um grupo de artistas Brasileiros que estava cá a participar nos Murais da Leba participámos num maravilhoso evento multidisciplinar envolvendo os moradores da rua dos Mercadores. Colaborámos em vários murais que decerto dão um ar mais interessante àquele espaço emblemático da Luanda antiga (NOTA: ver capa desta edição). De realçar que há poucos dias, por altura das comemorações de mais um aniversário da cidade de Luanda, se fez referência à revalorização daquele local.

CF: Para se conhecer a obra de Tho Simões é preciso vir a Luanda?

TS: O meu desejo é que as dezoito províncias de Angola (e mais além) estejam cheias de obras minhas. Por enquanto tenho-as em Luanda, Namibe, Benguela, Huambo. Estive no Sumbe, espero ir este ano ir ainda a outras províncias de Angola.

CF: O facto de em determinadas circunstâncias as suas obras refletirem os acontecimentos do quotidiano, pode ser visto como um recado político?

TS: Penso que cada um é livre de fazer a sua interpretação. Quando trabalho o meu processo ou fluxo de trabalho não é claro mas não é inspirado em intenções políticas. Não me cabe saber como a obra vai ser interpretada: a partir do momento em que entra em contacto com o espectador, cada um faz a sua interpretação. Na verdade as minhas pinturas não são abstratas, não vou buscar ideias abstratas, sou influenciado pelo meu dia a dia, reflito o meu quotidiano nas obras. Alguém pode sempre fazer um paralelo com uma situação política ou, como disse, “um recado social”. Eu vejo o telejornal, leio e acompanho as notícias,

estou atento ao que se passa no mundo, em Angola, em Luanda, no condomínio do meu bairro, na minha rua. Esta interação, o meu dia-a-dia espelha-se no meu trabalho de forma espontânea.

É uma questão de sensibilidade para o que acontece à minha volta, que por vezes acaba por se refletir nas minhas obras.

CF: Qual é o maior desejo de um artista de rua do seu gabarito, em relação aos desenhos feitos nas ruas de Luanda?

TS: O meu maior desejo é realizar na cidade de Luanda o maior Festival de Arte Urbana de África e arredores. Transformar a nossa cidade numa rota indispensável no circuito mundial de Arte Urbana, ruas, bairros e lugares em verdadeiras museus e galerias ao ar livre; qualquer cidadão ter acesso à arte de qualidade, a que impacta, sem ter necessariamente que ir aos museus e galerias. A arte não está acessível para todos: a arte urbana vem para quebrar esta barreira.